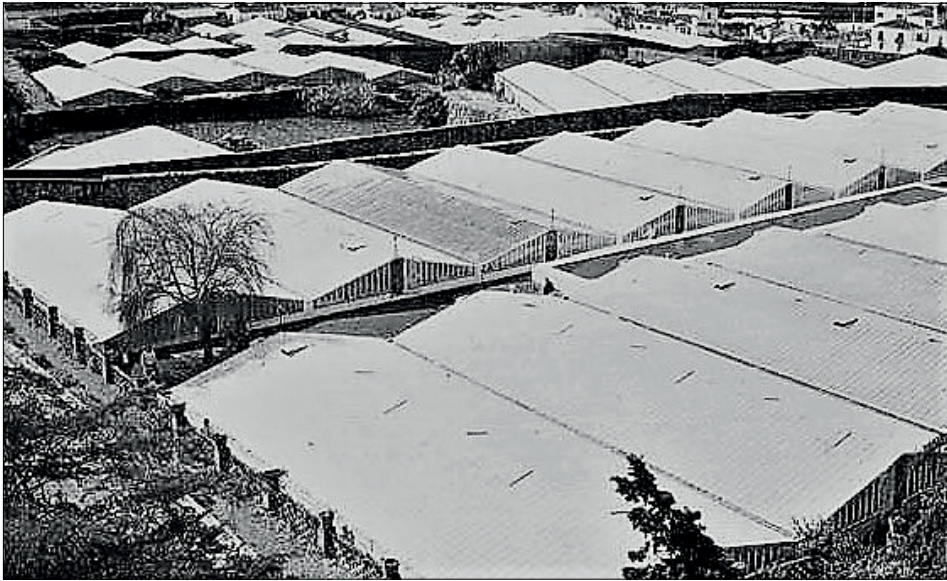


Ananás dos Açores, um fruto emblemático



Já disseminada pelas sete partidas do mundo, devido à globalização empreendida pelos navegadores e exploradores ibéricos — nomeadamente, os portugueses — a cultura do ananás foi objecto do interesse do rei D. Pedro III (tio e marido de D. Maria I), que, em pleno século XVIII, a mantinha nos jardins do Palácio de Queluz, como consta do tratado que elaboraram os estudiosos A. Elena Charola e José Delgado.

Foi ali que se reflectiu o «prazer da família real [...] por plantas exóticas vindas do vasto Império, principalmente pelo ananás, cujo cultivo parece ter tido um especial cuidado, no local hoje transformado no Picadeiro de apresentação da Escola Portuguesa de Arte Equestre».

Seria, porém, na ilha de São Miguel, que esta cultura viria a adquirir expressão economicamente válida, o que ficou a dever-se, em grande parte, ao desaparecimento, no século XIX, dos grandes laranjais adjacentes à cidade de Ponta Delgada e que, durante cerca de dois séculos, constituíram o factor essencial da prosperidade da ilha, ainda visível em belos exemplares de arquitectura erudita e, também, nos muitos pórticos de quintas, assim como nos torreões e mirantes que por aí se vêem, nomeadamente na Fajã de Baixo.

Num artigo publicado no *Álbum Açoriano*, em 1903, Evaristo Soares de Meneses confessa o seu desconhecimento da altura certa em que o ananás terá sido introduzido em São Miguel.

Mas um ilustre escalabitano, Bernardo de Sá Nogueira, quando ainda jovem tenente e bem longe de ser agraciado com o título de Marquês de Sá da Bandeira, estando hospedado, clandestinamente, no Solar da Bela Vista, da Fajã de Baixo, em 1829, anota, no *Diário da Guerra Civil*, que o seu anfitrião, o cônsul britânico William H. Read (1774-1839), cultivava ananases, para consumo próprio, numa pequena estufa, e chega mesmo a descrever, com algum pormenor, o modo como ali se exerciam as práticas culturais inerentes. Deve-se, todavia, ao génio empreendedor de José Bensaúde (1835-1922) o verdadeiro arranque da cultura do ananás em estufa como actividade com objectivos eminentemente comerciais, como consta da sua biografia, escrita pelo filho, Alfredo Bensaúde (1856-1941), que ali anota: «Outros cultivadores, seguindo o seu exemplo, começaram também a construir estufas e a enviar ananases para o norte da Europa, transformando-se esta cultura numa fonte de riqueza que no decorrer dos anos atingiu a grande importância que tem hoje na economia de S. Miguel».

Ainda há 50 anos, passado um século sobre a primeira exportação, as estufas contavam-se por 3 605 unidades — distribuídas por 575 cultivadores e com uma produção que, no ano anterior, atingiu 1 668 364 frutos — sendo, por isso, consideradas, no seu conjunto, por vários observadores, entre os quais o cultivador Nuno Câmara, como sendo, possivelmente, «o maior

equipamento agrícola construído existente em Portugal».

Se o etnólogo Carreiro da Costa podia observar, em 1964, que «as estufas de ananases, por razão da sua frequência, da sua extensão e da sua alvura, imprimiram já a determinadas regiões micaelenses uma fisionomia própria», o certo é que o Plano de Urbanização de Ponta Delgada, elaborado por uma equipa chefiada pelo Arq. José Lamas, no final do século XX, considera uma parte considerável da zona ananaseira da Fajã de Baixo como verdadeiro «espaço cultural», a reclamar rígidas medidas de protecção. Neste sentido, em Janeiro de 2000, os deputados Forjaz de Sampaio e João Carlos Macedo chegaram a apresentar, na Assembleia Legislativa Regional, um documento que visava o estabelecimento de «um sistema de apoio à manutenção das estufas como valor regional de carácter económico, paisagístico e turístico, tal como acontece, por exemplo, com as áreas de currais e lajidos da cultura da vinha», nas ilhas do Pico e Terceira.

Sem que seja o único, este último aspecto, o turístico, não deixou de ser determinante no projecto relativo ao Centro Interpretativo, cuja inauguração, na Fajã de Baixo, se realizou em Agosto do ano findo, como espaço de reserva histórica, documental e etnológica, onde se encontra patenteado o significado e o valor desta curiosíssima actividade.

Tendo como pano de fundo o percurso histórico local, com a necessária referência às cul-



turas dominantes que a precederam no mesmo espaço físico — a vitivinicultura, nos séculos XVI e XVII, e a laranja, nos séculos XVIII e XIX — a cultura do ananás apresenta-se ali ilustrada com um espólio de documentos escritos, fotografias, instrumentos de trabalho e outros testemunhos de elevado valor etno e antropológico, expostos em ambiente e de forma pedagogicamente adequados. Tudo isto resulta num forte motivo de atracção turística para a Fajã de Baixo, potenciando a sua presença de corpo inteiro entre os locais susceptíveis de visita, já que esta cultura, pelo exotismo que a caracteriza e pelo seu notável rasto histórico, é, na verdade, um valor acrescentado para os Açores e, sobretudo, para a ilha de São Miguel.

JOÃO CARLOS MACÊDO
Instituto Cultural
de Ponta Delgada



Governo dos Açores
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direção Regional da Cultura

INFORMAÇÃO ÚTIL

Centro de Interpretação da Cultura do Ananás

HORÁRIO:

1 de junho
a 30 de setembro
todos os dias,
das 10h00 às 18h00

1 de outubro
a 30 de maio
de 3.ª feira a sábado,
das 10h00 às 17h00

LOCALIZAÇÃO:

Rua Direita, n.º 124, Fajã de Baixo, ilha de São Miguel.

COORDENADAS GPS:
37°45'27"N — 25°38'56"O

OUTROS LOCAIS DE INTERESSE NAS REDONDEZAS:

Igreja de N.ª S.ª dos Anjos (séc. XVIII); Solar de Santo António (séc. XVIII/XIX); Casa do Barão de Santa Cruz (séc. XIX); Solar de António Borges (séc. XVIII); Torreão das Teimosas (séc. XIX); Quinta da Abelheira de Cima (séc. XIX); Plantação de Ananases Augusto Arruda; Centro de Estudos Natália Correia.